



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Ano 1, Vol. I, Número 1, Jul-Dez, 2017. 220-237.

## A PESQUISA IMPLICADA DE INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA PARA ESTUDOS *IN SITU* DE/COM SUJEITOS SOCIAIS DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Damião Rocha  
Marcos Maia

**RESUMO:** Durante o último quadriênio temos realizado e orientado pesquisas no mestrado em educação sobre diversidade sexual e de gênero. Essas pesquisas têm as autorias de (as) pesquisad@ras na grande maioria formada de pessoas LGBTQ. Por suas “posições de sujeito”, muitas del@s são militantes, engajadas nos movimentos sociais e, portanto, participantes, implicados (as) com seus objetos de pesquisa. Para dar sentido e significado a esses sujeitos sociais temos orientado que el@s escrevam seu memorial e apresente na introdução da dissertação, demonstrando sua implicação. A partir dessa experiência temos trabalhado com uma fundamentação em pesquisa em educação que refende nossos atos de pesquisa, e nesse sentido a fenomenologia tem sido concebida por nós como uma perspectiva de pesquisa que ancora esse envolvimento dos sujeitos de pesquisa. Neste texto compreendemos a etnopesquisa-formação como crítica ao positivismo comteano, durkheimiano e weberiano e os etnométodos como ação social que dão sentido ao mundo. A etnopesquisa crítica afirma que a prática do fazer/construir conhecimentos e saberes não está separada do seu contexto de manifestação e ambas podem auxiliar no processo de construção e emancipação dos saberes e dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Etnopesquisa; pesquisa em educação; diversidade sexual e de gênero.

**ABSTRACT:** During the last four years we have conducted and guided research in the master in education upon sexual and gender diversity. These surveys have the authorship mostly of LGBTQ people. By their "subject positions", many of them are militants, engaged in social movements and, therefore, participants, involved with their research objects. To give meaning and meaning to these social subjects we have been instructing them to write their memorial and present in the introduction of the dissertation, demonstrating its implication. From this experience we have worked with a foundation in research in education that refend our research acts, and in this sense phenomenology has been conceived by us as a research perspective that anchors this involvement of research subjects. In this text we understand ethno-research-formation as a critique of Comtean, Durkheimian and Weberian positivism and ethnomethods as social action that give meaning to the world. Critical-ethno-research assumes that the practice of making/constructing knowledge and social knowledge is not separate from its context of manifestation and both can aid in the process of building and emancipating knowledges and subjects.

**Keywords:** Ethnological research; educational research; sexual and gender diversity.

### 1 INTRODUÇÃO



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE*

A prática de pesquisa no âmbito da pós-graduação vai além da questão da metodologia do trabalho científico. As pesquisas, conforme as abordagens metodológicas costumam ser nomeadas em dois grupos distintos, o quantitativo e o qualitativo. O primeiro obedece ao paradigma clássico (positivismo) enquanto o outro segue o paradigma chamado alternativo. Obviamente a construção do conhecimento a partir da ciência, porque reconhecemos outras formas do conhecimento, perpassa por três grandes dimensões: uma dimensão epistemológica, uma dimensão metodológica e uma dimensão técnica. Portanto, a produção de conhecimento se reveste de sentido abrangente, complexo e multiperspectival ou referencial.

Na área de educação quando tratamos da abordagem qualitativa entendemos aquelas práticas de pesquisas que fazem referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. São recorrentes as pesquisas como: história oral, etnográfica, pesquisa participante, pesquisa-ação, representação social, pesquisa do/no cotidiano, etc. Por concebemos que esta abordagem é a que melhor retrata o fenômeno educacional ou a educação como fenômeno, contrapomo-nos aos fundamentos das pesquisas em ciências naturais, e destacamos mais as experiências vivenciais, a experiência consciente de sujeito, apreendendo o sentido do objeto, do que os constructos hipotéticos teórico-dedutivos.

Para Lüdke e André (1986), pesquisa é confronto de informações coletadas e construídas sobre um determinado tema com um olhar a partir de um conhecimento acumulado. A pesquisa parte de um problema com o intuito de propor ou ajudar a construir soluções. Além de não ser isenta das marcas de seu tempo e do processo histórico, a pesquisa, em especial a em educação, não é “asséptica”, isto é, isolada da realidade nem de seu produtor, o pesquisador que é sempre conduzido por seus princípios e valores (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 2).

Entretanto, a pesquisa em educação, no Brasil e no mundo, nem sempre foi assim compreendida; outrora fora marcada por uma visão positivista, na busca de inserção de critérios das ciências físicas, matemáticas etc. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; GATTI, 2010).



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

O fenômeno educacional “foi estudado por muito tempo como se pudesse ser isolado, como um fenômeno físico, para uma análise acurada, se possível feita em laboratório” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 3). Além disso, no Brasil, a pesquisa em educação, no seu início entre as décadas de 1960/1980, teve a pós-graduação como “locus privilegiado” o que reduzia o conceito de pesquisa, em especial da sua importância no processo de formação docente (SOUSA; BIANCHETTI, 2007).

Isto posto, o que é então pesquisar fenomenologicamente?

Pesquisar, segundo Joel Martins, quer dizer “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez”... A interrogação se mantém viva porque a compreensão do fenômeno não se esgota nunca (BICUDO & ESPÓSITO, 1997, p. 24).

Problematizamos neste texto a pesquisa qualitativa em educação, seus desdobramentos pela fenomenologia, etnometodologia e etnopesquisa crítica, bem como seus limites e possibilidades. Objetivamos compreender a etnometodologia e a etnopesquisa crítica enquanto possibilidade de pesquisa, de inspiração fenomenológica, para a pesquisa em educação.

## 2 PESQUISAR EM DIVERSIDADE É ROMPER COM POSTURAS OBJETIVISTAS

Pesquisar a diversidade sexual e de gênero, implica o entendimento do que se entende por diversidade. Diversidade como substantivo de variedade, diferença e multiplicidade ou de qual diversidade(s) estamos falando? Da diversidade biológica, da diversidade cultural, da diversidade como política pelo direito à diversidade sexual e de gênero, da diversidade de organização dos tempos e espaços escolares?

O ser humano se constitui por meio de um processo complexo: somos ao mesmo tempo semelhantes (enquanto gênero humano) e muito diferentes (enquanto forma de realização do humano ao longo da história e da cultura). Podemos dizer que o que nos torna mais semelhantes enquanto gênero humano é o fato de todos apresentarmos diferenças: de gênero, raça/etnia, idades, culturas, experiências, entre outros. E mais: somos desafiados pela própria experiência humana a aprender a conviver com as diferenças. O nosso grande



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE*

desafio está em desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor ou pior do que outro. Na realidade, somos diferentes (LINO, 2007, p. 22).

Ao pesquisarmos questões contemporâneas como a(s) diversidade(s) envolta a polêmicas sociais, a exemplo da chamada “ideologia de gênero”, o “casamento gay” e a retirada de livros didáticos de escolas por abordarem gênero e até do Plano Nacional de Educação e de planos municipais de educação, precisamos retomar questões já debatidas: “para quem *nós* pesquisamos?, para quem *nós* escrevemos?”.

Pesquisamos para a academia ou para as agências de fomento ou para as escolas onde a complexidade da realidade desafia a cada dia a competência docente?

Pesquisamos para ganhar pontos nos relatórios internos e externos, para publicar e vender livros, para adquirir/consolidar prestígio, ou nossa pesquisa é parte de nosso compromisso político com a luta pela transformação da sociedade?

Escrevemos para nossos pares ou para as professoras que estão na sala de aula?

Quem, afinal, se beneficia com as nossas pesquisas e nossos escritos?

Com que projeto de sociedade nossas pesquisas estão comprometidas e a que projeto de sociedade nossas pesquisas se opõem, ou, simplesmente, nos pretendemos neutros? (GARCIA, 2001, p.21)

A partir desse pressuposto - para quem nós pesquisamos -, entendemos que a pesquisa em educação propõe ruptura com o paradigma positivista e que a fenomenologia contrapõem-se ao modelo generalista e universalizante da pesquisa quantitativista.

Para a fenomenologia, assim, o que haveria é um saber eidético do mundo, isto é, um saber a partir das e pelas essências. Estas entendidas não como fundamentalmente estanques, mas como elementos invariantes das experiências (BICUDO, 2010). Por isso, a fenomenologia questiona a possibilidade do real e do conhecimento a partir de bases “duras” das ciências seja do racionalismo, do empirismo ou do positivismo (PEIXOTO, 2011).



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Conforme Macedo (2010, p. 15, grifo no original) a fenomenologia entende a realidade como compreendida, interpretada e comunicada. Assim, não haveria uma única realidade, “mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações, a realidade é *perspectival*. Ao colocar-se como tal, a fenomenologia invoca o caráter de provisoriidade e relatividade da verdade”.

A fenomenologia é um termo formado por “fenômeno” e “*logos*”, podendo ser entendido como “o discurso do que se mostra como é” sendo assim o discurso concebido como “o falar inteligível sobre o que se mostra”. Todavia, a fenomenologia não é uma modalidade de pesquisa aparentemente “mais fácil” ou substitutiva do paradigma técnico e positivista de ciência. O enfoque fenomenológico em pesquisa qualitativa implica apreender a educação como fenômeno, assim como a diversidade sexual e de gênero, fenomênica.

A essência do fenômeno é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado na direção da verdade (“mostração” da essência). O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor. Para tanto são básicos dois momentos: *epoché*, quando põe o fenômeno em suspensão, destacando-o dos demais co-presentes ao campo perceptual do pesquisador, e *redução*, quando descreve o visto, seleciona as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno.

[...]

O pensar fenomenológico não prescinde da *práxis*, isto é, da experiência vivida no mundo-vida. A essência de que trata a fenomenologia não é idealidade abstrata dada *a priori*, separada da *práxis*, mas ela se mostra nesse próprio fazer reflexivo (BICUDO & ESPÓSITO, 1997, p. 21).

Nesse re-pensar as bases e o fazer científico, a pedagogia e a educação, como campos científicos, também se refazem como “pedagogia fenomenológica” (BICUDO, 2010). Num primeiro momento é a aceitação de que o sujeito/educando deve se apropriar do seu processo de vivência e relacionamento inter-subjetivo na construção do conhecimento (SILVA, 2009).

É a valorização dos aspectos racionalistas e também dos aspectos espirituais, sentimentais e intuitivos. Assim, essa pedagogia fenomenológica, segundo Bicudo



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

(2010), se comporia tanto da vertente “conteúdo” das áreas dos conhecimentos, bem como da dimensão do “humano” que é próprio à Educação.

Assumir essa postura didático-pedagógico-fenomenológica é estar atento à dinâmica em ação que é aquela do cuidado da área trabalhada “e com a constituição da subjetividade/intersubjetividade de aluno-alunos-professor-conteúdo” (BICUDO, 2010, p. 45).

É o reconhecimento do mundo vida, do tempo vivido, da subjetividade na constituição não somente dos sujeitos, mas do mundo numa inter-relação. Nessa perspectiva, “a educação precisa ser compreendida como formação, e não como instrumentalização”; abre-se mão da separação entre trabalho técnico e pensamento e se começa a pensar a educação como desenvolvedora do humano numa perspectiva de totalidade intersubjetiva (PEIXOTO, 2011, p. 500).

De acordo com André (1995), a pesquisa qualitativa não é necessariamente uma distinção entre aquela que se utiliza ou não de dados numéricos, mas antes é uma proposta que se orienta pela visão idealista-subjetivista, ou seja, fenomenológica<sup>1</sup> de mundo, isto é, que “valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo” (p. 17).

Assim, é considerada um estudo naturalista, por entender que se deve estudar o fenômeno no seu estado de ocorrência natural<sup>2</sup>, sem deslocá-lo para laboratórios, ou pela divisão dos fenômenos em partes a serem analisadas separadamente.

A abordagem qualitativa da pesquisa tem algumas características, conforme apresentamos a seguir: a) ocorre em ambiente natural, não em laboratórios; b) o pesquisador é o instrumento fundamental - o próprio pesquisador coleta os dados; c) os pesquisadores qualitativos se validam de múltiplas fontes de dados; d) a análise dos dados é preponderantemente indutiva; e) o foco deve ser no significado apreendido pelos

<sup>1</sup> Marli André (1995) chama atenção que nem todos os estudos qualitativos têm como fundamento filosófico a fenomenologia, mas esta serviu de base; surgiram outras fundamentações para a abordagem qualitativa: o cognitivismo, interacionismo, construtivismo, a teoria crítica, dentre outros.

<sup>2</sup> Utilizamos a palavra “natural”, mas com ressalva, já que para Husserl, essa é possivelmente contrária à atitude fenomenológica. Utilizamos tal palavra mais no sentido de ocorrência natural, tal como a medicina natural, ou naturalista, notadamente diferente da medicina científico-tradicional (HUSSERL, 2008).





RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

participantes e não naqueles levados a campo pelo pesquisador ou aqueles que se manifestam na literatura; f) o projeto é emergente, isto é pode ser alterado com o andar da pesquisa; g) os pesquisadores usam com frequência lentes teóricas (método) para enxergar seus estudos; h) a pesquisa qualitativa é uma forma interpretativa do que se enxerga, se ouve e se entende (CRESWELL, 2010; BOGDAN; BIKLEN, 2006).

A pesquisa em educação deve se pautar por um método, um rigor, e ser capaz de se preocupar com sua efetividade e capacidade de atuação no social, tendo em vista que sua aplicação é dessa natureza e sempre contextualizada. Esse método de investigação científico e filosófico se preocupa mais com o deixar falar e transparecer os sentidos e significações da consciência, descrevendo sua lógica interna sem se preocupar muito com sua “análise” mediante teorias e conceitos pré-formados, dogmáticos.

### 3 ETNOPESQUISA-FORMAÇÃO E ETNOTEXTOS FIXADORES DE EXPERIENCIAS IMPLICADAS

No ano de 1967, nos Estados Unidos, o sociólogo Harold Garfinkel<sup>3</sup> publica o livro *Studies in Ethnomethodology* (Estudos em Etnometodologia). Nesse livro ele apresenta uma nova abordagem para as ciências sociais; a qual ele denomina Etnometodologia. Essa abordagem tem como principal aporte filosófico a fenomenologia. Naquele livro fundacional, Harold Garfinkel apresenta sete estudos empíricos<sup>4</sup> sobre “atividades e circunstâncias práticas”, bem como sobre o “entendimento sociológico prático” (*practical sociological reasoning*), procurando estudá-los como “fenômenos de pleno direito” (GARFINKEL, 1984, p. 1).

---

<sup>3</sup> Harold Garfinkel nasceu em 1917, no estado de Nova Iorque, EUA. Obteve o mestrado em Sociologia em 1942 e o doutorado em 1952. O título de sua tese é: *The perception of the other: a study in social order* (A percepção do outro: um estudo sobre a ordem social), sob a orientação de Talcott Parsons (COULON, 1995).

<sup>4</sup> São estudos sobre o júri popular, sobre uma pessoa em situação de transição de sexo, clínicas psiquiátricas, dentre outros. Watson e Gastaldo (2015) destacam que a pergunta focal desses estudos não é o que faz, por exemplo, de um júri um grupo, mas antes, o que faz de um grupo ser considerado um júri popular.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Essa abordagem proposta por Garfinkel é considerada uma ruptura com a Sociologia clássica de Weber, Durkheim e de seu próprio orientador, Talcott Parsons. Segundo Alessandro Leme (2008), Durkheim propõe que não seriam as representações de cada indivíduo que comporiam a sociedade, antes, estas representações individuais seriam objetivações das representações coletivas. Assim, para Durkheim, os fatos sociais são exteriores e coercitivos aos indivíduos. Isso quer dizer que, para ele, os indivíduos internalizam a consciência coletiva de um determinado grupo social.

Nas palavras iniciais de seu livro fundacional da Etnometodologia, “o fazer sociológico” não é matéria de elucubrações objetivas independentes de contextos, mas de leigos e profissionais, de práticas contextualizadas inseridas no cotidiano de pessoas comuns em lugares comuns (GARFINKEL, 1984).

Para Alain Coulon (1995), essa abordagem não é uma subárea da etnologia, tampouco um novo enfoque metodológico da Sociologia, como vimos acima. Etnometodologia se refere mais a um campo de investigação do que a um método de pesquisa (ANDRÉ, 1995). *Etno* se refere à pessoas/grupos, os métodos são entendidos como os procedimentos do cotidiano dos quais as pessoas se validam para darem sentido às coisas do mundo. Seu objeto de estudo são esses métodos e seu objetivo é “trazer à luz as regras e os princípios que tomamos como dados, mas por meio dos quais cada um de nós faz “o mundo” ter sentido” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 15).

Segundo André (1995, p. 19), seus focos de interesses são: “os conhecimentos tácitos, as formas de entendimento do senso comum, as práticas cotidianas e as atividades rotineiras que forjam as condutas dos atores sociais”.

Não existe uma maneira única de dar sentido ao mundo. Cada situação tem sua constituição específica à maneira de um caleidoscópio que nunca tem a mesma forma e imagem. É aqui que entra a ideia de construção situacional, ou contextualizada, do sentido.

Apresentados esses conceitos, podemos entender o enunciado dado por Garfinkel sobre a definição de Etnometodologia:





RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

investigação das propriedades racionais de expressões indexicais/indexiais (*indexical expressions*) e outras ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas astutas/engenhosas (*artful practices*) da vida cotidiana (GARFINKEL, 1984, p. 11, tradução nossa).

Assim, a Etnometodologia é uma forma de investigação, de leigos e profissionais, sobre as expressões e práticas cotidianas, contextualizadas, situadas e contingentes (COULON, 1995). Sempre com o intuito de dar sentido às coisas e ao mundo (GARFINKEL, 1984). Os estudos apresentados em seu livro fundacional mostram, em especial, o estudo sobre Agnes<sup>5</sup>, que os fatos sociais podem até ser externos e coercitivos (como afirma a Sociologia clássica), mas essas não são suas mais importantes características, antes, e talvez mais importante, é a possibilidade de dar sentido a eles.

A fenomenologia, enquanto movimento filosófico contrário ao positivismo (HUSSLERL, 1988; HEIDEGGER, 2008; MACEDO, 2010; BICUDO, 1994, 2011), afirma que no processo de conhecer não há separação entre objeto e pesquisador. Ao contrário, “o fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra” e o vê dali onde se encontra como figura, delineada como fenômeno e fundo, que carrega “o entorno em que o fenômeno faz sentido” (BICUDO, 2011, p. 30).

A fenomenologia trata de “descrever, não de explicar nem de analisar” esse mundo vida (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). A descrição é ponto chave na pesquisa qualitativa fenomenológica. Ela deve ser entendida como descrição dos fenômenos conforme compreendidos pelo pesquisador. Não traz julgamentos interpretativos, mas um relato da vivência da experiência e suas nuances. O pesquisador não diz: foi assim! Todavia, ele descreve “conforme percebeu” (BICUDO, 2011, p. 38).

Essa descrição tenta ao máximo se aproximar do olhar do outro que está sendo descrito, mas essa descrição é sempre construção a partir de um vivido pelo descritor, pesquisador. “A interrogação que expressa a perplexidade do pesquisador orienta os passos a serem dados em busca da compreensão e explicitação do compreendido e

---

<sup>5</sup> Agnes foi o pseudônimo dado por Garfinkel (1984) à primeira pessoa que conseguiu autorização, em 1958 para cirurgia de mudança de sexo. Este estudo está apresentado no capítulo 5 do livro aqui citado.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

interpretado” (BICUDO, 2011, p. 38). Assim, se a interrogação se indaga “pelo dito em textos que expressam discursos já articulados” sobre um determinado tema, a interpretação/hermenêutica não pode abrir mão dos aspectos culturais e históricos (BICUDO, 2011, p. 39).

Para a fenomenologia heideggeriana o ser não se mostra objetivo, mas fático. Isto é, Heidegger defende que a “ontologia deve compreender o ser não como uma estrutura fixa, objetual, que pode ser apreendida e esgotada [antes se] apresenta a nós em sua ocasionalidade, em seu encobrir-se e velar-se” (SANTOS, 2013, p. 77).

A fenomenologia bem como as leituras schützianas do fenômeno, serviram de inspiração para a etnometodologia e para a etnopesquisa crítica. Suas aproximações se dão pela crítica à separação entre pesquisador e objeto pesquisado, na importância do contexto para a representação e sentido do mundo e em especial na aplicação dos métodos fenomenológicos na apreensão da “realidade”, sempre entendida como intersubjetiva. Como metodologia é um “método descritivo, intuitivo, rigoroso e reflexivo” (CEREZER, 2011, p. 29).

#### **4 O (A) ETNOPESQUISADOR (A) IMPLICADO (A) CONTRA O INFLEXIVELMENTE SEXISTA E MACHISTA**

Implicação é envolvimento, comprometimento. Ato e efeito de implicar na interação consequente de uma ação. Diz-se daquele (a) que está envolvido (a) em uma causa, que está comprometido (a) com uma prática sociocultural.

Implicada, engajada e constituída na base por *etnocompreensões*, intercriticamente construídas; sensibilizada por uma ideia de política de pesquisa e de conhecimento de possibilidades emancipacionistas, a *etnopesquisa implicada* se identifica com a *heterogênese do protagonismo* dos movimentos sociais e das ações afirmativas em educação a partir da sua orientação *etno* e seu *arké* crítico. Emerge aqui, neste sentido, o que transversaliza sua característica, ou seja, o trabalho ineliminável com a cultura e sua dinâmica relacional com o poder, com os *etnométodos* dos atores sociais e a heterogeneidade *enquanto política de conhecimento, de compreensão* e de conquista social, como dimensões entretecidas, imbricadas. Heurística,



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

engajamento, pertencimento e afirmação, aparecem aqui como perspectivas indissociáveis (MACEDO, 2012, p. 179).

A fenomenologia, a etnometodologia, os estudos culturais, o interacionismo simbólico e a tradição de Chicago serviram de aportes filosóficos fundantes para a etnopesquisa crítica (MACEDO, 2010). Esta, assim como a etnometodologia, se preocupa com os “etnométodos” a partir dos quais as pessoas dão sentido ao mundo. Assim como Garfinkel (1984), Macedo (2010, p. 10) entende que os atores sociais são instituídos e instituidores da/na/pela estrutura social que são reflexivamente configurados, tendo, então, a etnopesquisa sua criticidade “na desconstrução filosófica das epistemologias normativas e na convicção de que não há ciência imparcial”. Ainda, segundo Macedo (2010, p. 82), a perspectiva sóciofenomenológica é intensamente valorizada porque “orienta ser impossível entender o comportamento humano sem tentar estudar o quadro referencial, ou seja, a bacia semântica e o universo simbólico dentro dos quais os sujeitos interpretam” o mundo (pensamentos, sentimentos e ações).

Da perspectiva de Poisson (1990), a abordagem qualitativa das etnopesquisas permitiu a muitas pesquisadoras feministas descrever a realidade tal como elas vivenciavam enquanto mulheres, como jamais nenhuma outra abordagem teria possibilitado anteriormente.

Para este etnógrafo dos meios educacionais, graças à etnopesquisa, as mulheres puderam, de alguma maneira, se apropriar da realidade social que lhes escapava até então. De mais, a pesquisa de orientação qualitativa parece ser um meio significativo para permitir às mulheres que se expressem mais livremente na presença de etnopesquisadoras enquanto *atrizes* e *autoras sociais* sensíveis à condição histórica da mulher em sociedade (MACEDO, 2004, p. 240).

Com esse modo crítico-fenomenológico de pesquisar, seu processo de ir às coisas mesmas não se dá na manipulação, mas na participação e na abertura por meio de interpretação fenomenológica que entende a construção do *self* na co-participação coletiva. O ser humano não é uma mônada fechada (BICUDO, 2010), isto é, está à formação de sua subjetividade na relação de sua abertura para o outro. Assim, subjetividade se relaciona com objetividade e intersubjetividade.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

A intersubjetividade é uma ideia que se consubstancia no conceito de tipicidade que pode ser entendido como

[...] formas individuais de ações e de significados. A tipicidade de uma ação pode passar a ser de qualquer um, na medida em que vai se despreendendo do particular, generalizando-se e caminhando para a anonimidade. Outrossim, é o processo de interação que vai dar movimento a tipicidade das múltiplas realidades construídas cotidianamente (MACEDO, 2010, p. 24).

Para a etnopesquisa crítica o amplo e coletivamente aceito começa, então, no pessoal e é transformado nos movimentos de significações cotidianas num processo dialético e dialógico até o momento de se chegar ao anonimato, que todos os membros “pretendem” entender como universal. Assim, não compreende o membro/indivíduo como sendo um “idiota cultural”, ideia proposta pela sociologia clássica. Essa mudança na visão da atuação do membro/indivíduo só pode ser compreendida com a intercriticidade, que se dá pelo olhar do outro a partir de seu olhar para o mundo (MACEDO, 2010).

Esta nova condição tem como efeito o desenvolvimento de conhecimentos em ciências humanas antes recalcados, por uma ciência que praticou e pratica um *sexismo* de uma forma muito mais explícita do que se imagina. Os temas e as problemáticas em geral privilegiadas pelas mulheres cientistas e politicamente engajadas, não são necessariamente os mesmos eleitos pelos homens, há uma feição e uma preocupação onde a condição histórica e presente da mulher de alguma forma são pleiteados (MACEDO, 2004, p. 240).

O movimento feminista possibilitou o entendimento teórico conceitual de algumas categorias que permeiam os estudos feministas, principalmente a questão de gênero. E como afirma GAYLE RUBIN (1993) se tivermos que escolher uma das qualidades do conceito de gênero seria a “desnaturalização da opressão das mulheres”, questão importante contestadora do machismo e do patriarcal.

Pesquisa implicada também é um mecanismo de denuncia dos afrontamentos aos direitos individuais e coletivos. Cada vez mais está acirrada a garantia de direitos à vida, à igualdade, à liberdade de ir, vir e permanecer, de pensamento, de opinião, de consciência



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

e crença, de associação e de reunião. Tem-se a impressão que não há mais limites, não há mais regra, não há mais segurança. Temos análises que apontam que estamos em tempos de desmonte de direitos. Nesse contexto os pesquisadores, as pesquisadoras, em meio a este cenário tão adverso e perverso para a educação, existimos, resistimos, estudamos e pesquisamos, construindo e elaborando referências e fundamentos para nossas práticas curriculares educativas. Assim como nos currículos, na pesquisa: “o conhecimento é masculino. O currículo é masculino” (SILVA, 1995, p. 188).

Atualmente a pesquisa qualitativa e os (as) pesquisadoras implicadas se depararam com vários obstáculos para pesquisar com/as pessoas LGBTQ. As sexualidades ainda são sujeitadas a estigmas sociais e políticos.

Estudar a homossexualidade ou as homossexualidades não é necessariamente o mesmo que estudar *gays* e *lésbicas* ou a condição de *gay*, o que não necessariamente equivale a estudar *queers* ou a condição de *queer*, o que, por sua vez, não é necessariamente igual a estudar a sociedade a partir de uma perspectiva *queer*. *Os estudos sobre gays e lésbicas*, e até mesmo os mais recentes *estudos queer*, têm provocado mudanças no significado, em grande parte das diversas lutas políticas às quais esses termos estão vinculados. *Lésbica, bissexual, gay, homossexual e transgênero* são palavras normalmente utilizadas para captar as identidades sexuais e de gênero, noções do eu que ou são inerentemente estáveis ou são estabilizadas através de vários processos sociais; o termo *estudos sobre lésbicas e gays* (e, mais recentemente, estudos sobre *lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros*) é normalmente empregado a fim de representar o estudo dessas populações.

[...]

Ou seja, cada termo acompanha seu próprio conjunto de políticas (GAMSON, 2006, p. 347).

Nesse sentido a etnopesquisa não pretende chegar à verdade totalizante, mas também não abandona o rigor científico, o que fica bem claro para as abordagens qualitativas de fundamentação fenomenológicas (HUSSERL, 1988; HEIDEGGER, 2008). “É interessante notar que os recursos metodológicos qualitativos da etnopesquisa apontam para uma outra forma de se fazer ciência, uma ciência que aceita, sem escamotear, o desafio inquietante e maravilhoso *de saber que quer saber sobre aquele que pensa e sabe*” (MACEDO, 2010, p. 41-42, grifo no original).



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE*

A etnopesquisa crítica é contrária ao pensamento nomotético que busca leis gerais e prescritivas. A separação entre senso comum e ciência é superada, sendo senso comum e ciência transformados numa outra forma de conhecimento que, de acordo com Boaventura Santos (*apud* MACEDO, 2010), é uma forma de transformação e emancipação.

Epistemologicamente, a etnopesquisa se valida da interpretação dos “dados” de uma pesquisa que se refaz num ato contínuo e de produto final inacabado, por meio da redução fenomenológica e da análise de conteúdos a fim de “compreender/explicitar a realidade humana tal como esta é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas” (MACEDO, 2010, p. 141).

## **CONSIDERAÇÕES (IM)PONTUAIS**

A pesquisa em educação começa a entender a precariedade e provisoriedade do saber científico por meio das abordagens fenomenológicas. Com essa visão começa a compreender a divisão entre abordagens quantitativas e qualitativas não simplesmente por uma divisão daquelas que usam ou não usam números.

Antes, essa distinção se faz pela maneira de construção e do olhar para o mundo, sem distinção entre pesquisador e “objeto” pesquisado. Propondo, inclusive, que o saber não é o saber unicamente do “cientista”, mas que todos os indivíduos, em suas trocas e inter-relações, estão nesse processo dialógico e dialético da construção dos saberes.

A etnometodologia e a etnopesquisa crítica, ambas de fundamentação fenomenológica, são subsídios para a pesquisa em educação implicada. Elas têm suas preocupações voltadas para a manifestação dos sentidos dos fenômenos na construção da ordem social. São estudos que anseiam por entender os grupos, os processos antropossociais e as instituições em suas caracterizações como intersubjetivas, porém contextualizadas nas e pelas relações sociais que são instituídas e instituintes; sempre nessa relação dialética e dialógica. Nesse processo de construir conhecimentos e saberes,





RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

as abordagens dos etnométodos se preocupam precipuamente com o ouvir sensivelmente, porém nunca alijando o rigor.

A pesquisa implicada e o etnopesquisador sendo ela/ele LGBTQ ou pesquisando com as pessoas LGBTQ “não é um mero relator contemplativo”, mas “atores e atrizes sociais” da pesquisa. O/A etnopesquisador/a “é parte irremediável da pesquisa”.

Estas abordagens fenomenológicas aqui problematizadas, tanto a etnometodologia quanto a etnopesquisa crítica, conforme Alain Coulon (1995), são capazes de nos mostrar que a ordem social, bem como as desigualdades não são produtos de um ser diabólico externo ao meio, mas que são e foram criadas por nós mesmos. “Tolerância às ambiguidades, às insuficiências, às retomadas, às seduções, às políticas corporativas, à informação dúbia” são características do (a) etnopesquisador implicado.

Dessa maneira, não se buscam culpados, mas antes as possibilidades de alteração da realidade social e suas (des)igualdades que marcam, ferem, segregam.

### Referências:

- ANDRÉ, Marli. **A etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BICUDO, Maria Aparecida. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: BICUDO, Maria Aparecida (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica**. São Paulo: Editora Cortez, 2011, p. 29-40. Disponível em: < <http://www.mariabicudo.com.br/resources/DOC041114-011.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2016
- BICUDO, Maria Aparecida. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, Maria; ESPOSITO, Vitória (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1994. P. 15-22
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Qualitative research for education: an introduction to theories and methods**. Boston: Allyn e Bacon, 2006.
- CEREZER, C. **Da carne sensível à singularidade ética: a sensibilidade como condição-gênese da individuação na fenomenologia levinasiana**. 2011. 185f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, 2011. Disponível em: < <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9101> >. Acesso em: 06 nov. 2017
- COULON, Alain. **Etnomedología y educación**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.
- CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology**. Cambridge, UK: Polity Press, 1984.

GARCIA, Regina Leite. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antonio [et. al.]. **Para quem pesquisamos: para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

GATTI, Bernardete. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2010.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Lisboa: LusoSofia, 2008. Disponível em: <  
[http://www.lusosofia.net/textos/husserl\\_edmund\\_crise\\_da\\_humanidade\\_europeia\\_filosofia.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf)>. Acesso em 06 nov. 2017.

LEME, A. A sociologia de Max Weber e Émile Durkheim: questões preliminares acerca dos métodos. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 18, n. 9/10, p. 725-744, set./out. 2008. Disponível em: < <http://tede2.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2303> >. Acesso em: 06 nov. 2017.

LINO, Nilma Gomes. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Marcos F. G.; ROCHA, José Damião T.; VIZZOLI, Idemar. **Identidade cultural, diversidade e diferença: um olhar para gênero e sexualidade na educação**. Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, v. 10, p. 153-167, 2017.

MAIA, Marcos F. G.; ROCHA, José Damião T.; MERIQUI, Mariana Rodrigues. **Mídias educativas “Mais Mulheres”**: um centro de documentação interdisciplinar de gênero e comunicação em Palmas – TO. Revista Observatório, v. 3, p. 427-444, 2017.

MAIA, Marcos F. G.; [ROCHA, José Damião T.](#) **A fenomenologia na pesquisa em educação: um olhar sobre a etnometodologia e etnopesquisa crítica**. Atos de Pesquisa em Educação (FURB), v. 11, p. 718-736, 2016.

MACEDO, Roberto. **Etnopesquisa implicada, currículo e formação**. Revista Espaço do Currículo. v.5, n.1, pp.176-183, junho a dezembro de 2012.

MACEDO, Roberto. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2 ed., Salvador, BA: EDUFBA, 2004.

MACEDO, Roberto. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Liber Livros, 2010.

MACEDO, Roberto. O rigor fecundo: a etnografia crítica como analítica sensível e rigorosa do processo educativo. **Revista da Faced**, Salvador, v. 1, p. 39-56, 2001.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Disponível

em:

<

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/2946/2110>>.

Acesso em 09 fev. 2016.

MERLEAU-PONTY, Marcel. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PEIXOTO, A. Fenomenologia, ética e educação: uma análise a partir do pensamento de Husserl. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 21, n. 7/9, p. 489-503, jul./set. 2011.

ROCHA, José Damião T. **No corpo Whey Protein de falsos héteros as gayas “barbies” rechaçam o corpo feminino das gayas “pintosas” e passivas**. *Artefactum* (Rio de Janeiro), v. 13, p. 1 - 13-13, 2016.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: Notas para una teoría radical de la sexualidade. In: CAROLE, V. (Comp.). **Placer y peligro**. Explorando la sexualidad femenina. Madrid: Ed. Revolucion, 1989.

RUBIN, Gayle. The traffic in women. In: REITER, R. (Ed.). **Toward an anthropology of women**. New York: monthley review press, 1993. p. 157-210.

SANTOS, J. A hermenêutica da faticidade no pensamento heideggeriano. **Filosofando: Revista de Filosofia da UDESC**, v. 1, n. 1, p. 73-82, jan./jun. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, C. **A didática na perspectiva fenomenológica**. 2009. 276f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

SOUSA, Sandra; BIANCHETTI, Lucídio. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil: o protagonismo da ANPED. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 36, set./dez. 2007.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e análise da conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC RIO, 2015.

Recebido em 20/10/2017. Aceito 25/11/2017.

#### Sobre autores e contato:

Damião Rocha - Doutor em Educação pela UFBA. Mestre em Educação pela UFG. Sócio Anped/SBPC. Líder do Grupo de Pesquisa em Currículo. Pesquisador da Rede Rides de Pesquisa Norte, Nordeste e Centro Oeste (Rides). Docente do Programa



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE*

de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE/UFT). Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da UFT. *e-mail*: damiao@uft.edu.br

Marcos Maia- Mestre em Educação (UFT). Especialista em Educação e Direitos Humanos (UnB) e em Filosofia e Ensino de Filosofia (Claretiano). Bacharel em Biblioteconomia (UnB). Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidade e Direitos (UFT). *e-mail*: marcosmaia@uft.edu.br